



O Contributo de Bulimundo na Música tradicional cabo-verdiana - caso do Funaná

**NELSON FURTADO CORREIA BARROS**

**TEMA:**

**CONTRIBUTO DE 'BULIMUNDO' NA MÚSICA TRADICIONAL CABO-  
VERDIANA- Caso do Funaná**

**Trabalho Científico Apresentado ao ISE  
para a Obtenção do grau de Licenciado  
em História**

**A orientadora:**

**Mestra Irosanda Barros**

**Praia Setembro de 2007**



**NELSON FURTADO CORREIA BARROS**

**TEMA:**

**CONTRIBUTO DE 'BULIMUNDO' NA MÚSICA TRADICIONAL CABO-  
VERDIANA- Caso do Funaná**

**APROVAÇÃO**

**O JÚRI**

---

---

---

**PRAIA \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**



## DEDICATÓRIA

*Dedico este meu trabalho á memória do meu saudoso pai, que toda a sua vida dedicou em prol dos meus estudos, e á minha mãe pelos esforços, sacrifícios e tanto carinho que me tem demonstrado, encorajando-me sempre a ultrapassar os escolhos.*



## **AGRADECIMENTOS**

**De um modo geral, a realização deste trabalho não seria possível sem a contribuição de algumas pessoas às quais queria aqui de um modo particular expressar os meus sinceros agradecimentos.**

**Em primeiro lugar queria agradecer a Deus pela força e coragem que me concedeu para a realização deste trabalho. A minha gratidão também vai á minha orientadora pela amabilidade e simpatia que sempre me demonstrou, e também pela ajuda que me tem prestado na realização deste trabalho.**

**Do mesmo modo queria dirigir os meus agradecimentos também a todos os meus irmãos, amigos e em especial á Maria Onilde, pelos apoios prestados, ao Senhor Alberto (Santos) pelas informações valiosas que me concedeu, aos Senhores António Silveira, Madala, entre outros.**



## INDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>1 Metodologia.....</b>	<b>8</b>
<b>2 Definição de Conceitos.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Cultura.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 Música .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>3-Enquadramento histórico de Cabo Verde.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>4 Considerações Gerais sobre a Música tradicional cabo-verdiana.....</b>	<b>16</b>
<b>4.1 Os Géneros musicais em Cabo Verde.....</b>	<b>16</b>
<b>4.2 A Música cabo-verdiana de 1950 a 1980- breves considerações.....</b>	<b>20</b>
<b>4.3 O Funaná – Género musical tradicional cabo-verdiano.....</b>	<b>24</b>
<b>4.4 Funaná nos tempos modernos – As influências sofridas.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>‘Bulimundo’ na cena Musical em Cabo Verde.....</b>	
<b>5.1 A origem do agrupamento musical.....</b>	<b>30</b>
<b>5.2 Carlos Alberto Martins ( Catchás) - O fundador do ‘ Bulimundo’.....</b>	<b>33</b>
<b>5.3 Bulimundo e a conquista dos Palcos da capital em 1980.....</b>	<b>36</b>
<b>5.4 A nova era de Bulimundo - Período pós Catchás.....</b>	<b>39</b>
<b>6 O papel de Bulimundo na revitalização do Funaná.....</b>	<b>40</b>
<b>6.1 Os trabalhos discográficos editados pelo grupo.....</b>	<b>42</b>
<b>6.2 Bulimundo na actualidade.....</b>	<b>45</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>49</b>
<b>Anexos</b>	



## Introdução

O presente trabalho visa responder a um imperativo do Instituto Superior de Educação, no âmbito da obtenção do grau de Licenciatura em ensino de história.

Para o efeito escolhemos um tema ligado á cultura cabo-verdiana, mais concretamente à música, onde propusemos analisar o notório trabalho desenvolvido pelo conjunto musical Bulimundo, desde os anos 1978 até á actualidade.

O trabalho tem como tema: **“O contributo de Bulimundo na Música tradicional cabo-verdiana – O caso do funaná”**.

A escolha do tema resultou da importância histórica, e do grande papel que o grupo teve na revitalização de um dos géneros musicais cabo-verdiano, o funaná, que durante muito tempo fora legado a um estatuto inferior na sociedade cabo-verdiana, em relação a outros géneros musicais no país.

O trabalho está enquadrado numa das teorias daquele que foi um dos grandes pensadores africanos, Amílcar Cabral, que defende a preservação e valorização da nossa cultura. A este propósito fundamenta Amílcar Cabral:

*“Devemos defender e desenvolver as manifestações de cultura do nosso povo, respeitar e fazer respeitar os usos, costumes e tradições da nossa terra, desde que não sejam contra a dignidade humana, contra o respeito que devemos ter para cada homem (...)”<sup>1</sup>*

Criado em Abril de 1978 no interior da ilha de Santiago, mais concretamente na vila de Pedra Badejo -Concelho de Santa Cruz, por Carlos Alberto Martins, mais conhecido por Catchás, Bulimundo desenvolveu o seu trabalho com o objectivo de divulgar o funaná pelo país e além fronteira.

---

<sup>1</sup> CABRAL, Amílcar, PAIGC Unidade e Luta, Lisboa: Publicações Nova Aurora, 1974. p.51



Iniciado os trabalhos, o grupo conseguiu introduzir algumas inovações no estilo e execução do funaná onde conseguiu granjear muita estima e admiração no meio rural, numa primeira fase.

Logo depois tinham pela frente uma nova missão, de trazer o funaná para os palcos da cidade da Praia, e divulga-la para outros pontos do país, facto que só veio a concretizar por volta de 1980 com a sua primeira actuação no cine-teatro da Praia.

Para a nossa investigação partimos da seguinte questão: **«Que papel teve o grupo musical Bulimundo na revitalização do Funaná?»**

Como hipótese, a qual iremos desenvolver ao longo deste estudo, pensamos que foi graças ao seu esforço que certos complexos ideológicos em relação a esta música, foram ultrapassados, colocando-a no mesmo patamar com os outros géneros como a morna e a coladeira.

Ao longo do seu percurso, até a actualidade o grupo tem registado excelentes trabalhos no panorama musical, onde já gravou 8 discos, todos eles compostos por temas que expressam de um modo particular a vivência do povo cabo-verdiano, com especial atenção para as gentes do meio rural, e sempre com maior relevância para o Funaná.

Graças ao grupo, o Funaná saiu da posição a que tinha sido votada anteriormente, ou seja, a uma posição de rejeição e desprezo, e além do mais, contribuiu para que no panorama musical cabo-verdiano, surgissem diferentes grupos musicais e artistas que começaram a dar um novo alento a este género musical.

O presente trabalho monográfico, para além de uma pequena introdução, encontra-se estruturado em três capítulos, seguido da conclusão e referências bibliográficas. No primeiro capítulo fizemos um enquadramento geral do país, abarcando aspectos do seu povoamento bem como a formação da sociedade cabo-verdiana. Da mesma forma abordamos em traços gerais o processo da formação da cultura cabo-verdiana, tendo em conta que o tema do trabalho gira á volta de uma das componentes da cultura, neste caso a música.



No segundo capítulo tentou-se abordar algumas considerações gerais sobre a música tradicional cabo-verdiana onde se procurou destacar, os géneros musicais existentes em Cabo Verde e também se fez uma pequena abordagem sobre a música cabo-verdiana de 1950 a 1980, com os respectivos traços da sua evolução.

O terceiro capítulo insere-se mais sobre o contributo legado pelo grupo musical Bulimundo á cultura cabo-verdiana, onde se destacou a origem do grupo, o papel do seu fundador, bem como todo o trabalho que desenvolveu, na consecução dos seus objectivos, que era colocar o Funaná a um patamar igual aos demais géneros musicais existentes em Cabo Verde.

Ao trabalho ainda se juntam alguns anexos.

## **1- Metodologia**

Tratando-se de um tema de História Contemporânea, o presente trabalho foi realizado com base em análise de alguns documentos sobre o assunto, pesquisa bibliográfica, e também pesquisa de campo

Numa primeira fase partimos para a recolha e análise de alguns documentos publicados em jornais e revistas que retractam alguns aspectos sobre o tema em estudo.

Posteriormente fizemos um trabalho de campo onde efectuamos algumas entrevistas dirigidas a personalidades que presenciaram o nascimento deste grupo musical, bem como a elementos que integraram o grupo. Do mesmo modo entrevistamos também alguns elementos que actualmente fazem parte do grupo, tendo em conta que o grupo ainda se encontra activo.

Os dados recolhidos forneceram informações que nos permitiram a realização desse trabalho monográfico, zelando-se sempre para um maior rigor científico e veracidade dos factos.

Entretanto, sem a pretensão de esgotar o tema, esperamos que posteriormente novas informações poderão ser avançadas num estudo mais aprofundado sobre o tema.





## 2- Definição de Conceitos

O presente trabalho monográfico tem como pano de fundo um tema que gira á volta de um dos componentes essenciais da ‘cultura’ de qualquer povo, neste caso a ‘música’. Porém, julgamos ser pertinente definir de antemão estes dois conceitos, ao iniciarmos esse trabalho.

### 2.1- Cultura

Quanto ao termo ‘Cultura’, vários autores têm produzido algumas reflexões teóricas na tentativa de uma definição coerente. Por isso, este termo tem adquirido diferentes interpretações, de acordo com o espaço, tempo, percepções dos grupos sociais e indivíduos, facto que tem constituído uma dificuldade em encontrar uma definição única sobre o termo.

Segundo Edward Burnett Tylor, citado por João Lopes Filho, *“A cultura seria o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo Homem como membro da sociedade”*<sup>2</sup>

Sociologicamente, cultura simboliza tudo o que é aprendido e partilhado pelos indivíduos de um determinado grupo e que confere uma identidade dentro do seu grupo de pertença.

Segundo João Lopes Filho, a cultura significa tudo o que recebemos, transmitimos ou inventamos. Ainda acrescenta: *“é tudo aquilo que o homem acrescenta á natureza”*<sup>3</sup>.

Uma outra definição da cultura nos é dada por Ralph Linton, onde este define o conceito como sendo uma *“herança social”*<sup>4</sup>

Guy Rocher, por sua vez, define a cultura como sendo um conjunto ligado de maneiras de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizadas que, sendo

---

<sup>2</sup> **LIMA**, Augusto Mesquitela, **MARTINEZ**, Benito, **FILHO**, João Lopes. Introdução à Antropologia Cultural. Lisboa: Ed. Presença, 1991.p. 38

<sup>3</sup> Idem,ibdem

<sup>4</sup> **LINTON**, Ralph, O Homem - Uma Introdução à Antropologia, S. Paulo, Martins Fontes, 2000.



apreendidos e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, duma maneira simultânea objectiva e simbólica, para organizar essas pessoas numa colectividade particular distinta.

De um modo geral, ambas as definições nos mostram que esse termo tem a ver com algo criado pelo Homem, e que se vai passando de geração em geração.

## 2.2- Música

A música é um termo originário da expressão grega '*musiké téchne*', ou seja, a arte das musas.<sup>5</sup>

A música é considerada por diversos autores como sendo a prática cultural e humana, e também como uma forma de arte. Como definição comum, ela é entendida como conjunto de sons organizados. Portanto, ela consiste numa combinação de sons e silêncios que se desenvolvem ao longo do tempo. Neste sentido engloba toda a combinação de elementos sonoros destinados a serem percebidos pela audição.

Segundo *Weber*<sup>6</sup>, a música é a forma de arte mais racional e simultaneamente mais irracional existindo no pensamento, na sensibilidade e em formas, culturais diferenciadas.

---

<sup>5</sup> **Stravinsky**,. *Chroniques de ma vie*, Paris, Denoël, 1935, 2000,p 69.

<sup>6</sup> **WEBER**, Max. (1998) *Sociologie de la musique: Les Fondements rationnels et sociaux de la musique*, éditions Métailie, Paris



## CAPÍTULO I

### 3- ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DE CABO VERDE

O arquipélago de Cabo Verde situado ao largo do Oceano Atlântico a cerca de 450/500 km da Costa Ocidental africana entre as latitudes de 14° 22' e 17° 12'N. e as longitudes de 22° 40' e 25° 22'O compõe-se de dez ilhas e cinco ilhéus, todas de origem vulcânica.

Com uma área total de 403,37Km<sup>2</sup>, as suas ilhas distribuem-se por dois grupos: O de Barlavento com cerca de 2230Km e Sotavento com cerca de 1803,7 Km<sup>2</sup>, sendo a maior ilha a de Santiago com 991Km<sup>2</sup>.

Dada a sua posição geográfica, este país é caracterizado por condições climáticas de aridez e semi-aridez, pelo que o país tem enfrentado de vez quando alguns períodos de seca e crises prolongadas, com repercussões negativas sobretudo para as populações que vivem da agricultura. Por sua vez, o clima do arquipélago é caracterizado por duas estações, sendo a estação seca de Dezembro a Junho, e a estação das chuvas de Agosto a Outubro.

Não havendo um consenso entre os historiadores quanto á data da descoberta de Cabo Verde, ou sobre quem foram os descobridores, é comumente aceite que as ilhas foram descobertas em 1460 por Diogo Gomes, de nacionalidade portuguesa e António Noli, navegador genovês ao serviço do reino de Portugal.

Entretanto, a inexistência de uma população solidamente implantada no arquipélago, fez com que se procedesse ao seu povoamento, que no início deveria constituir-se



apenas com a população europeia, à semelhança de Açores e Madeira. Deste modo, o povoamento das ilhas iniciou-se por volta de 1462 deparando-se inicialmente com algumas dificuldades principalmente no que diz respeito às condições climáticas, principalmente a irregularidade das chuvas, e ao distanciamento do arquipélago em relação ao reino, bem como a exiguidade dos recursos naturais, factores esses que contribuíram para uma certa desmotivação dos povoadores, na mira de um lucro fácil. Segundo Baleno, “ *na verdade aparentemente não havia no arquipélago quaisquer recursos naturais que de imediato pudessem despertar o interesse de eventuais povoadores (...)* ”<sup>7</sup>

Entretanto o único factor que constituía motivo de incentivo em ocupar este território, foi a sua posição geográfica. Possuía uma situação estratégica fundamental, não apenas para a exploração da costa africana e do caminho marítimo para a Índia, mas também para o tráfego de escravos, o qual conhece entre os séculos XVI e finais do século XIX um grande incremento para os EUA, Portugal, Espanha, Brasil, Índias Ocidentais, etc.

Porém, o povoamento iniciou-se pela maior ilha do arquipélago, Santiago, por ser a ilha que dispunha de melhores condições. “ *Era a maior, tinha bons portos e sobretudo contava com boas nascentes de água doce.* ”<sup>8</sup>

Tudo isso foi somente a partir do momento em que foram concedidos alguns privilégios pela Coroa portuguesa, através da célebre carta régia de 1466 que garantia aos futuros moradores facilidades fiscais e comerciais de modo a permitir-lhes um lucro fácil no comércio com a costa da Guiné. Deste modo, Santiago ficou dividida em duas capitânias: A do Sul, estabelecida em Ribeira Grande, actual, Ribeira Grande de Santiago, e a do Norte sedeadada em Alcatrazes.

---

<sup>7</sup> BALENO, Ilídio Cabral. História Geral de Cabo Verde vol. I **Lisboa**: Instituto de Investigação Científica Tropical, Instituto Nacional de Investigação cultural Cabo Verde, 2001.p.128

<sup>8</sup> BALENO, Ilídio Cabral, 2001,op.cit.,p.133.



A formação da sociedade cabo-verdiana deu-se através de elementos provenientes de dois continentes, ou seja, os brancos europeus e negros africanos. Do contingente europeu destacavam-se sobretudo os portugueses, oriundos na sua maioria da parte sul de Portugal (Algarve e Alentejo). Ainda nesse processo de miscigenação também houve a participação de outros povos designadamente os espanhóis, franceses ingleses e holandeses.

O contingente negro era constituído por africanos oriundos da costa africana com diferentes etnias, origens e línguas, designadamente os Balantas, Jalofof, Mandingas, Fulas, Manjacos, Bambaras .

Contudo, a fusão étnico-cultural destes diferentes grupos ocorreu de forma natural, desde os primeiros contactos entre europeus e africanos no arquipélago, acabando assim por dar origem a uma sociedade mista, com uma cultura própria, ou seja, a cultura cabo-verdiana. A propósito afirma João Lopes Filho: *“A cultura cabo-verdiana é, também consequência de um acumular constante de elementos e o resultado do contacto permanente com culturas diferentes (entre os quais sobressai a portuguesa e de povos da costa africana defronte)”*<sup>9</sup>

Na verdade, esses grupos étnicos não conseguiram resguardar na íntegra os traços culturais de origem, na medida em que ambos foram transplantados para um meio completamente novo em relação às suas origens. Mas, o esforço por parte de cada grupo em preservar as origens era notório, principalmente por parte dos europeus, que inicialmente começaram a importar alguns bens de consumo, na tentativa de preservar os seus hábitos alimentares, e também alguns trajes de acordo com os padrões europeus.

Porém, nem todas as necessidades foram satisfeitas, facto que obrigou ambos os grupos a tentarem uma nova adaptação ao novo meio, e a novas formas de vida.

Apesar das populações terem sido desenraizadas, e também de se notar uma certa repressão das manifestações culturais africanas, muitos aspectos culturais permaneceram vivos nesta nova sociedade. Na verdade, as autoridades coloniais praticaram uma política de assimilação com o intuito de manter a supremacia da

---

<sup>9</sup> FILHO, João Lopes, Cabo Verde- Subsídios para um levantamento Cultural, Lisboa, Plátano editora, [sd].p.58.



cultura portuguesa. Este facto pode-se verificar através da língua e da religião, conforme afirma Ilídio Baleno, onde a cultura africana acabou por sofrer maiores perdas. *“A língua portuguesa é sem dúvida um dos primeiros atributos culturais a ser absorvido pelos elementos africanos, quer por imposição do grupo dominante, quer por necessidade de comunicação entre os próprios escravos.”*<sup>10</sup>

Por outro lado, podemos ainda salientar o papel relevante da Igreja Católica nesse processo de aculturação, esta que assumiu um papel divulgadora da cultura do grupo dominante, através da catequização, e por vezes repressão de alguns rituais e práticas religiosas dos africanos.

*“ (...) o escravo trazido para Cabo Verde, miscigenado aculturado tendo perdido em grande parte a sua herança cultural, por efeito da política de evangelização praticada nas ilhas, cedo recebeu influências notórias de cultura do colonizador, que assimilou e integrou a sua própria cultura (...)”*<sup>11</sup>

Para os europeus muitas dessas práticas religiosas e culturais dos africanos eram considerados contra a moral da Igreja Católica, e por isso desde o início acabaram por ser rejeitadas, neste novo meio arquipelágico.

Porém, não foram somente os rituais religiosos africanos os únicos aspectos a sofrerem repressão. Também outros valores como o caso de alguns géneros musicais, danças, e outras manifestações culturais nascidas nesse novo espaço insular, tiveram a mesma sorte. Temos os casos concretos do Funaná e da Tabanka, dois géneros musicais que apresentam traços culturais africanos que durante longos anos foram rejeitados, no seio da sociedade cabo-verdiana, pela classe dominante por considerarem esses géneros ofensivos á moral cristã.

*“ Não podemos esquecer que as autoridades coloniais apoiadas pela igreja combateram sistematicamente em Cabo Verde todas as manifestações culturais africanas, desde a coladeira ao batuque, passando pela tabanca e por certas práticas fetichistas (...)”*<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> **BALENO**, Ilídio Cabral, 2001, op.cit., p.175

<sup>11</sup> O crioulo, Expressão da Identidade Cultural do Cabo-verdiano -Revista Raízes N.º 1978 p.44

<sup>12</sup> In O crioulo, Expressão da Identidade Cultural do Cabo-verdiano -Revista Raízes N.º 1978 p.44



Como se sabe, a música é um dos aspectos importantes da cultura de um povo, que representa as suas vivências e os seus sentimentos.



## **4- BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÚSICA CABO-VERDIANA**

### **4.1- Os géneros musicais cabo-verdiana**

Conforme frisamos no capítulo anterior, a cultura cabo-verdiana moldou-se através da interacção de diversos povos e raças, cada um dando o seu respectivo contributo. Contudo, a música é um dos aspectos mais expressivos da cultura cabo-verdiana que muito tem contribuído para o reafirmar da nossa identidade cultural.

Ela desempenhou um papel de relevo na resistência cultural durante o período colonial e actualmente constitui o veículo de ligação do nosso país ao resto do mundo.

A música de Cabo Verde é sobretudo poli fónica, ou seja, a melodia desenvolve-se sobre uma base formada por uma sucessão de acordes. Contrasta assim com a música da África Ocidental, que se caracteriza por uma sobreposição de contrapontos. São poucos os géneros que são mono fónicos (bataque, tabanka, colá,), mas mesmo assim, com o advento de instrumentos eléctricos, e o interesse de músicos novos em fazer ressurgir certos géneros musicais, que têm sido reinterpretados numa forma poli fónica.

Ao longo dos tempos, ela teve sempre alguma relação com alguns grandes acontecimentos mundiais dada à posição geo-estratégica do nosso arquipélago, por onde passam uma variedade de povos e culturas. Daí, que aos poucos ela foi-se transformando recebendo sempre influências e elementos de outras latitudes, facto que contribuiu de certo modo para moldar e imprimir-lhe uma característica própria. O povo cabo-verdiano tem sempre presente no seu quotidiano a música como um fiel companheiro, abarcando temáticas que retractam as circunstâncias da vida, da fome, da partida para terra longe, do mar, do regresso, tristeza e alegria, sobre o amor, enfim aspectos que distinguem a originalidade da nossa vivência.





O panorama musical cabo-verdiano é de certo modo bastante rico onde pode-se encontrar muitos géneros vocais e instrumentos comuns a várias ilhas e outros apenas de uma ilha só. Entre os géneros musicais tradicionais temos a Morna, a Coladeira, o Batuque, o Funaná, a Tabanka entre outros géneros.

A **morna** é uma forma musical cultivada em todas as ilhas de Cabo Verde, e é tocada em andamento lento, e em compasso quaternário. Trata-se de um género musical já muito conhecido na Europa e noutros cantos do mundo, sobretudo pela sua divulgação graças á obra de alguns artistas cabo-verdianos de renome internacional nomeadamente Cesária Évora, Ildo Lobo Tito Paris, Lura entre outros. A sua origem remonta a meados do século XIX na ilha da Boa Vista segundo Eugénio Tavares onde este afirma “ *A morna é originária da ilha de Boa Vista. Passou depois ás outras ilhas, adaptando-se e tomando a feição psíquica de cada povo como que um gráfico de ascensão e descensão em sua expressão artística.* ”<sup>13</sup>

Geralmente os temas interpretados nas mornas exprimem muitas vezes o sentimento de quem sofre, ama, idealiza, lamenta, sonha, tem uma vida dura e problemática.

Para tocar as mornas geralmente são utilizados instrumentos como a viola, o cavaquinho, a rabeca e a guitarra. Hoje-em-dia é comum notarmos a adaptação de alguns instrumentos de percussão nomeadamente chocalhos, djembé<sup>14</sup> entre outros.

A **coladeira** por sua vez é um outro género tocado em compasso binário com um andamento mais moderado do que o Funaná, e mais rápido do que a morna. Também se utiliza a viola, o cavaquinho a rabeca e outros instrumentos de percussão para toca-la.

Porém, pode-se ainda encontrar outros géneros musicais que apresentam uma forte influência africana como o caso do **Batuque**, do **Funaná**, da **Tabanka**, e do **Finaçon**.

O **batuque** (Batuku) também designado por muitos de ‘sambuna’, representa o género tipicamente africano, cantado e dançado exclusivamente por mulheres, das

<sup>13</sup> TAVARES, Eugénio, Mornas Cantigas Crioulas (tradução de Maria da Graça Gomes de Pina), [sd] p.25

<sup>14</sup> **Djembé** - Instrumento de percussão originário da Africa, construído á base de madeira e pele de animais.



quais a maior parte fica sentada em semicírculo, e no meio ficam as dançarinas e outras que executam os cantos. É acompanhado pelo balancear das ancas e ritmado pelo bater das palmas sobre um almofadado apertado pelas mulheres entre as coxas, ao som de um cântico muitas vezes improvisado. Na maioria dos casos a temática deste género gira á volta de crítica social, ou seja factos e acontecimentos que marcam a vivência e as dificuldades da população santiaguense em particular, donde é originário esse género de música.

O **finaçon**, assemelha-se ao batuque ao ponto de muitas vezes ser confundido como tal. A diferença entre ambos encontra-se na melodia e no estilo do canto na medida em que o finaçon se assemelha a uma conversa ritmada.

A **Tabanka**, por sua vez, é uma outra manifestação cultural cabo-verdiana, mas, em rigor não é considerada propriamente um género musical. Trata-se mais de uma peregrinação dançante ao som de cantigas, rufar de tambores, apitos e uma certa euforia de pessoas. Contudo é uma manifestação que traz consigo uma marca sagrada, nomeadamente o culto de Santos e da cruz. É característico sobretudo das ilhas de Santiago e Maio, mas com maior expressão em Santiago. Na sua manifestação participam grupos numerosos de pessoas, tocando instrumentos diversos e outros acompanhando com cantos principalmente de mulheres. São utilizados diversos instrumentos de percussão com especial atenção para os tambores, pedaços de chapas, garrafas entre outros. Além destes, também são usados conchas marinhas, nomeadamente o Búzio, que produz sons diferentes consoante o tamanho dos mesmos, acompanhando as músicas que geralmente são cantigas mono frásicas. Contudo, ela dispõe dos seus próprios símbolos, significados e seu ritual próprio.

O **Funaná** por sua vez é um género que também pouca sorte teve no passado dado que fora durante longos anos relegado a um nível inferior no seio dos outros em Cabo Verde durante o regime colonial. É uma música executada em compasso binário, em andamento duplo, lento, médio e rápido, e é acompanhado por vezes de dança alegre e sensual. Ele representou no passado a expressão mais tradicional da oposição á dominação colonial, pelo que era mal visto pelos colonizadores bem como pela Igreja Católica. Trata-se de uma música tocada no seu estado original



com gaita-de-foles, ferrinhos, voz humana, e com batimento dos pés no chão para marcar o compasso.

Para além dos géneros frisados também pode-se ainda considerar outros géneros que fazem parte do nosso patamar cultural. Assim temos alguns géneros de cariz religioso nomeadamente as **rezas, ladainhas, vésperas**, estas que foram aprendidas pela população através do contacto com os missionários que durante a época colonial trabalharam na evangelização desse povo. As rezas geralmente são recitadas em forma de música num tom com pouca oscilação, normalmente em algumas festas de santos, ou ainda em ocorrências de funerais.

Do mesmo modo temos ainda as **cantigas de trabalho** que são recitadas durante as lides do dia-a-dia do camponês. Estes géneros são mais frequentes nas ilhas agrícolas, nomeadamente Santiago, Fogo, São Nicolau e Santo Antão. Contudo, estes géneros musicais com o passar dos tempos são cada vez menos ouvidos.

Ainda no repertório cultural cabo-verdiano podemos encontrar alguns géneros com cariz marcadamente europeu que se foram adaptando ao nosso meio. Estamos a referir às **Marchas, Mazurcas, Valsas Polcas, boleros e Sambahs** e também algumas **cantigas de roda** geralmente utilizadas pelas crianças nos seus momentos de lazer. Antigamente, longe das influências dos meios audiovisuais, as cantigas de roda eram utilizados durante as brincadeiras nocturnas das crianças em noites de luar nos seus entretenimentos. Hoje, é muito raro encontrarmos estas brincadeiras com frequência.

Porém, alguns géneros da música cabo-verdiana durante muito tempo foram alvo de ataques, e críticas, e é quase certo que esses ataques contribuíram de certo modo para que se criasse concepções erradas acerca deles. Incluem-se neste campo os géneros como a tabanka, o funaná e o batuque. Com efeito, durante o período de ocupação colonial esses ataques incidiram sob diversas formas, imbuídas de uma certa atitude racista e preconceituosa.

Durante esse período, esses géneros foram relegados para uma categoria inferior na cultura cabo-verdiana, isto é, muitos, eram de opinião que apenas a música clássica, com cunhos ocidentais, ou com alguma semelhança, constituía a única e



verdadeira música universal, e por conseguinte a única que devia ser ouvida e cultivada. É neste sentido que géneros como o funaná, o batuque e a tabanka foram durante longos períodos proibidos tanto pelo poder colonial vigente na altura como pela igreja que considerava esses géneros contra a moral cristã. Porém, esses géneros passaram a ser ouvidos com mais frequência sobretudo após a independência de Cabo Verde, no ano de 1975 período em que se iniciou uma nova dinâmica cultural, no país, com uma maior revalorização dos aspectos culturais que caracterizam o povo cabo-verdiano.

#### **4.2- A Música Cabo-verdiana de 1950 A 1980- breves considerações**

A música cabo-verdiana ao longo dos tempos tem mostrado alguns sinais de evolução, variando-se de acordo com as diversas transformações socio-económicas e políticas ocorridas ao longo dos tempos. Entretanto, durante a colonização portuguesa o tipo de música permitido pela administração era sobretudo a música eclesiástica, sendo as outras formas musicais manifestadas pelos africanos relegados para um contexto inferior.

Essa política de repressão aumentou durante o regime do Estado Novo pela administração portuguesa, por considerar certos géneros musicais de origem africana, contra os ensinamentos transmitidos pela Igreja Católica, sobretudo quando se associa as danças típicas, como por exemplo o caso do funaná. Por causa disso, certas formas musicais estiveram à beira da extinção.

Contudo, a partir dos meados de 1950 a música cabo-verdiana começa a ganhar novos contornos e é pois o período onde se iniciam os registos sonoros com maior frequência. Deste modo, nesta data entram em cena dois géneros musicais, a **morna** e a **coladeira**, que eram mais ouvidos e cultivados.

Entretanto, para além de ser a morna o género musical mais antigo, do que a coladeira, apresentam dois pontos em comum: Em primeiro lugar podemos focar a questão das suas origens, que ficou a dever em parte ao peso económico da ilha de São Vicente, na altura, por causa do Porto Grande e das suas movimentações. Por outro lado, partilharam alguns textos com base em críticas sociais.



A coladeira, teve a sua origem em São Vicente. Por detrás desse estilo, estão os músicos Gregório Gonçalves -Ti Goy, do grupo “Ritmos de Cabo Verde”, e António Tchitché. Porém, foi com o trompetista e clarinetista Luís Morais e os compositores Manuel D’Novas e Frank Cavaquim que a coladeira adopta a sua forma definitiva, isto é, um estilo quente, inspirado da música latino americana que estes três músicos conheceram aquando de uma passagem por Dacar. Contudo, por estas alturas, a música de Cabo Verde estava numa ‘fase alta ou de ouro’<sup>15</sup> conforme tece Luís Filipe Ramos no seu apontamento sobre a música de Cabo Verde. Este facto se deve a vários factores. Em primeiro lugar, registava-se porém um reacender do nacionalismo africano, onde vários países africanos começaram a requerer a sua emancipação. Isso veio de certo modo contribuir para que o povo cabo-verdiano expressasse de melhor forma o seu sentimento, principalmente através da música. É assim que, por estas alturas, (1950) foram feitos alguns registos sonoros através de algumas estações da rádio, como por exemplo a ex-rádio Barlavento, fundada nesta época e outras emissoras. Até aos princípios de 1960 surgiram diversas composições. Do mesmo modo, a luta armada desencadeada nas ex-colónias portuguesas em África, influenciou bastante na evolução da música cabo-verdiana, na medida em se iniciou o processo da independência de muitos países.

No entanto, durante este período, era vigente a repressão por parte dos colonialistas, principalmente no domínio cultural. É pois, neste contexto, que por estas alturas se registou uma emigração maciça de muitos músicos, compositores e poetas cabo-verdianos para o estrangeiro, registando-se por isso uma certa estagnação na produção musical em Cabo Verde. Mas, apesar disso, os músicos, no estrangeiro tentaram organizar-se iniciando então uma nova fase de gravação da nossa música, que posteriormente foram exportados para Cabo Verde através de discos, sendo na maioria dos casos músicas revolucionárias, ou seja, contra o regime colonial. Trata-se de uma etapa chamada fase da música revolucionária ou panfletária, onde o tema da maioria das composições girava à volta da crítica ao colonialismo e às situações de injustiças vividas no país durante o regime colonial.

Por conseguinte, nas vésperas da independência vários músicos e compositores enveredaram-se para a busca de novas formas musicais a partir de géneros já

---

<sup>15</sup> RAMOS, Luís Filipe, A Música de Cabo Verde, Voz de Povo 27 de Agosto de 1977, p.9



existentes, introduzindo algumas inovações. Por estas alturas tinha surgido alguns grupos como Kolá, em São Vicente, OPUS 7 na Praia, Nova Aurora em Mindelo e demais outros grupos que começaram a forjar.

O processo revolucionário iniciado com a fundação do PAIGC, trouxe consigo uma nova viragem na nossa história, isto é, Cabo Verde passou a ser dirigido agora pelos próprios cabo-verdianos permitindo assim uma nova dinâmica cultural das massas populares. O país tornou-se independente, e começou a forjar uma nova consciência nacional. Com efeito, este facto, trouxe consigo frutos louváveis sobretudo no domínio cultural onde certas manifestações proibidas anteriormente começaram a ganhar um novo alento, saindo da posição a que tinham sido votadas anteriormente. É assim que a partir de 1975 verificou-se uma grande produção musical no país.

Mais tarde, a partir de 1978, verificou-se uma estagnação na produção de música revolucionária, entrando em cena nova modalidade de coladeira e mornas, bem como outros géneros reprimidos anteriormente.

Salientamos aqui o excelente trabalho desenvolvido pelo compositor Manuel de Novas no domínio da coladeira “ *No género Coladeira, Manuel de Novas deixa de utilizar a crítica directa à mulher, que tinha feito escola até 197, para se concentrar na pintura de quadros sociais.* ”<sup>16</sup>

Deste modo, alguns géneros musicais mantidos no silêncio, circunscritos apenas ao meio rural como o caso do Funaná, Batuque e da Tabanka, começaram a adquirir uma nova expressão.

No país começaram a surgir diversas realizações culturais, com maior destaque para a música que veio a encontrar a sua maior expressão na realização de diversos festivais realizados na cidade da Praia a partir de 1979.

Também, por estas alturas era frequente a realização de alguns saraus culturais e noites cabo-verdianas na cidade da Praia embora tivessem muito pouca expressão.

---

<sup>16</sup> GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladimir, Cabo Verde, 30 Anos de Música-1975-2005, Praia, Ed IBNL, 2005, p.103.



Já no início dos anos 80, a coladeira entra numa fase de declínio que contrasta com o aparecimento, na cena nacional, do funaná. Até então, esse ritmo nascido do casamento entre uma 'gaita' e um 'ferrinho' era apenas tocado e dançado nos casamentos e festas no interior da ilha de Santiago (Sotavento). Tanto a Igreja Católica, por considera-la um produto africano, bem como a maioria da população da Praia, por estimar que era uma dança de camponeses, demonstravam um certo menosprezo por ela.

A realização do Mini-Festival de música denominado 'Praia 79' deu um novo alento à nossa música e a outras actividades culturais no meio santiaguense, na medida em que começaram a revelar-se novos talentos no campo musical e artístico, e também despontaram diversos grupos musicais e teatrais. Portanto, chegou o momento em que muitos artistas tiraram os instrumentos do silêncio a que foram submetidos durante largos anos, silêncio esse, causado por um lado pelo preconceito racista em relação a certas músicas tradicionais de Cabo Verde, e também rejeição de tudo o que era de raiz africana, conforme frisamos anteriormente.

Por outro lado, na altura, os músicos cabo-verdianos enfrentavam algumas dificuldades, principalmente em relação aos instrumentos musicais e outros equipamentos quase inexistentes no país ou difíceis de se encontrar como por exemplo, as cordas de violão.

De um modo geral, a afirmação de Cabo Verde como um país soberano criou condições objectivas, que possibilitaram a utilização de todas as riquezas materiais e espirituais para que a massa popular cabo-verdiana pudesse desenvolver a sua capacidade cultural, bem como a sua participação activa nesse domínio.

#### **4.3- Funaná – género musical tradicional cabo-verdiano**

O Funaná é um género de música e dança cabo-verdiana, característico sobretudo da ilha de Santiago e Maio, fortemente marcado pela influência africana. É acompanhado por um acordeão e um pedaço de ferro, onde o compasso é marcado





com o bater forte dos pés no chão. O Funaná é um dos géneros proscritos, que durante muito tempo fora sujeito á perseguição por parte da igreja católica, e também pela força colonial, considerado na altura como sendo ‘música do diabo’. Como se sabe, este género não surgiu após a independência de Cabo Verde, sendo antes bem mais antigo, só que se encontrava marginalizado, reservado apenas ao meio rural, como sendo o seu habitat próprio. Trata-se de uma música que geralmente é dançado em recintos de terra batida com os pés descalços, produzindo por isso um ambiente recheado de alegria.



**Figura 1: Dança do Funaná**

**Fonte: Centro De Iniciativa Juvenil Catchás**

Quanto às origens desse género musical, diversos autores têm procurado teorias que explicam o seu aparecimento. Há quem tenta explicar a sua origem baseando-se numa relação íntima com a introdução do acordeão em Cabo Verde pela Igreja, aquando da substituição do órgão dos coros da igreja, pelo acordeão por ser este mais barato e modesto.

Contudo, o acordeão rapidamente se tornou muito popular, associado à ruralidade, utilizado por muitos tocadores em pequenas festas e animações, em casamentos e baptizados no interior de Santiago.

Inicialmente esta atitude não agradou a igreja na medida em que alguns tocadores ousavam tocar nas redondezas da igreja, o que muitas vezes contribuía para desviar certos fiéis de participarem na missa a fim de assistir a um baile de gaita. Pois, é neste contexto que esse género musical foi considerado como sendo a música do ‘diabo’, ou da ‘perdição’. Além disso, muitos reprovavam a dança associada á música tocada na gaita, pelo facto desta ser muito sensual. Muitas vezes, alguns





tocadores acabavam sendo presos, quando ousavam tocar esta música em determinadas ocasiões conforme afirmara Codé di Dona numa entrevista ao jornal expresso.

*“ Quando havia festa, as pessoas dançavam, e os catequistas iam dizer ao Padre, fazer queixa da gente... A gente não se importava, mas uma vez o cabo-chefe veio buscar e levou-me a tribunal, por tocar concertina em festa de Funaná (...)”*<sup>17</sup>

Foi então neste sentido que os tocadores cabo-verdianos rapidamente conseguiram arranjar uma maneira própria e original de tocar a gaita-de-foles, acompanhando-a com um ferrinho para marcar o ritmo.

Do mesmo modo muitos tocadores iam transmitindo os seus dotes musicais aos filhos, ou estes iam aprendendo sozinhos acabando por isso por divulgar o Funaná por todos os pontos da ilha de Santiago. Desta forma, através da música, o povo da ilha encontrou, assim, um meio para o seu desabafo, numa tentativa de mostrar aquilo que o representa e o caracteriza, bem como, os sentimentos dos camponeses que não tinham muitos meios de diversão na altura, tendo em conta a situação da país nessa altura onde os meios audiovisuais, ou aparelhagem sonora eram bastante reduzidos.

Do mesmo modo, há ainda tese que aponta a proveniência do Funaná de São Tomé e Príncipe.

Também há quem explique a origem deste género ligado a dois grandes tocadores de nome Funa e Naná, e que da junção destas duas palavras surgiu a palavra Funaná. Enfim, várias são as teses apresentadas diferindo-se umas das outras.

O funaná, é um ritmo quente que de certa forma exprime o sentimento popular santiaguense, outrora renegado pelo poder colonial dada a conjuntura da época, onde as influências africanas eram de certo modo rejeitadas.

Confinado exclusivamente ao meio rural, o funaná era tocado para animar as festas dos camponeses, nos casamentos baptizados, e algumas festas populares

---

<sup>17</sup> Entrevista a Codé de Dona, Disponível em: [http:// www.Google.com.pt/expresso.pt17](http://www.Google.com.pt/expresso.pt17), Agosto 2001



nomeadamente Nho Santiago Maior, São Domingos, São Nicolau Tolentino, São Salvador do Mundo entre outras festas, nas quais havia o famoso “*badjo gaita*”,<sup>18</sup> como era designado.

Segundo a opinião de um antigo tocador de gaita, *Antão Barreto*,<sup>19</sup> por vezes estes bailes terminavam em brigas ou até mesmo morte, e por isso também era conotado por muitos como sendo música de selvagens, associada á vida mundana. Para além disso, quando havia os famosos bailes de gaita, muitos aproveitavam a ocasião para raptar as noivas, acto conhecido vulgarmente como “tra de casa”, o que geralmente originava situações conflituosas. Tudo isso em certa medida contribuía cada vez mais para a má fama das festas realizadas no meio rural, pelo que sempre que havia estas festas, tinha que se pedir uma autorização do regedor para a garantia da segurança.

Após ter sido objecto de perseguição e opressão durante o regime colonial, com a independência o Funaná começou a ganhar uma nova expressão, a partir do momento em que se verificou uma revalorização de todas as formas musicais tradicionais

A década de 80 representou sem sombra de dúvidas uma ‘época de ouro’ do Funaná, onde se veio a assistir a uma autêntica revolução musical. Quem compartilha da mesma ideia é Zeca Couto um antigo elemento dos Tubarões que afirma o seguinte numa entrevista ao jornal Voz di Povo: “*O Funaná foi a meu ver, a música da década de oitenta, por virtude do seu tratamento e da sua divulgação.*”<sup>20</sup>

Pois, a partir desta altura os bailes de gaita tornaram-se mais frequentes, apareceram novas composições e com grande êxito, conquistou os corações citadinos que antes menosprezavam este género musical. Foi numa altura em que o ritmo quente do funaná começou a subir os palcos da cidade da Praia e a ganhar assim novos adeptos.

---

<sup>18</sup> **Badjo gaita**- termo de expressão crioula, que significa baile popular, onde os únicos instrumentos musicais utilizados são a gaita e o ferro, exclusivos unicamente ao meio rural.

<sup>19</sup> **Antão Barreto** – um dos mais antigos tocadores de gaita, residente em Achada Ponta, concelho de Santa Cruz

<sup>20</sup> Entrevista ao jornal Voz di Povo, 13 Jan. 1990,



Porém, neste âmbito é de se salientar o grande papel desempenhado por aquele que foi o grande compositor e artista na época Carlos Alberto Martins conhecido por “Catchás” falecido num trágico acidente de viação em 29 de Março de 1988. Foi quem começou a dar os primeiros passos que fizeram com que o Funaná ganhasse nova expressão sobretudo após a independência, a partir do momento em que formou o grupo musical Bulimundo, com as raízes no interior de Santiago.

Como se sabe, antes da independência esse género musical era tocado com maior expressividade no meio rural e era executado simplesmente com gaita e ferro, cujo compasso era marcado com o bater dos pés no chão.

A partir da independência do país, registou-se uma nova estilização desse género musical, onde foram introduzidos novos instrumentos musicais nomeadamente os instrumentos de corda e percussão, cujo som produzido pela gaita passou ser executado pelo órgão sintetizador.

Agora executado num novo estilo, o Funaná foi levado aos palcos da cidade capital pelo famoso grupo musical Bulimundo, que desempenhou um papel de relevo na revitalização desse género musical.

Foi deste modo que o Funaná começou a ganhar uma certa popularidade e aceitação a nível nacional conseguindo porém, elevar-se ao patamar onde hoje se encontra, ao lado dos demais géneros musicais cabo-verdianos, hoje conhecido em diversos pontos do mundo.

#### **4.4 - O Funaná nos tempos modernos – As Influências sofridas**

O funaná é um género que na sua forma pura, é tocado apenas com uma gaita acompanhada de um ferro. Entretanto o compasso é marcado pelo bater dos pés no chão, geralmente sob a responsabilidade da pessoa que toca o ferro e geralmente num espaço de terra batida.

A partir da independência de Cabo Verde esse género musical tem sofrido diversas influências principalmente no seu estilo de execução.



Tendo em conta o processo da globalização, a cada dia têm surgido inovações tecnológicas que de uma forma ou de outra acabam por influenciar na estilização e execução da música. Assim, hoje podemos constatar a introdução da caixa rítmica ou vulgarmente conhecida por ‘Drums’ no acompanhamento do funaná, instrumento esse que é utilizado para reproduzir o compasso. Antes, o compasso era marcado apenas com o bater dos pés no chão. Para além da caixa rítmica é também utilizado o baixo eléctrico, que acaba por produzir uma sonoridade mais perfeita, e conferir um estilo mais moderno ao funaná.

Além destas inovações, também hoje-em-dia, é frequente ouvirmos discos onde aparecem sonoridades semelhantes ao som da gaita, mas que no fundo não passam de sons reproduzidos tanto por computadores, como também pelos teclados (órgãos sintetizadores) modernos,

Portanto, de um modo geral, hoje o funaná é executado de uma forma diferente do estilo tocado pelos tocadores mais antigos, em que muitos já não se encontram entre nós. Hoje também é frequente verificar que muitos jovens se têm dedicado a aprender a tocar este instrumento, apesar de se introduzir inovações no estilo e no repertório musical. Na opinião de um antigo tocador de gaita, *Antão Barreto* residente em Achada Ponta, -Concelho de Santa Cruz –, hoje os jovens tocam de forma diferente de alguns anos atrás.

*“Hoje, os mais jovens tocam essa música de forma diferente daquilo que tocávamos no meu tempo. Tocávamos para divertir, as pessoas. Às vezes passávamos 3 dias sem voltar á casa. Andava-mos de zona em zona onde havia festa, e ‘sabura’. Os mais jovens hoje não fazem isso. Hoje tudo é a troco de dinheiro (...)”*.<sup>21</sup>

A mesma opinião é compartilhada por um outro antigo tocador de gaita, *Armindo Varela* conhecido por *Nhónhó Varela*, natural do concelho de São Domingos, mas hoje residente na Praia, onde o mesmo afirma o seguinte:

*“Hoje muita gente não nos dá valor. Os jovens hoje não tocam como nós. O Funaná que nós tocamos é de forma natural, como aprendemos dos mais antigos (...) Eu não toco por dinheiro, mas*

---

<sup>21</sup> Entrevista com Antão Barreto, 21 Mai. 2006, Pedra Badejo-Santiago



*para me sentir feliz juntando pessoas junto a mim. Mas não pode faltar o meu cálice de grogue para me dar coragem”.*<sup>22</sup>

Porém, alguns tocadores de gaita mais jovens são da opinião de que o funaná tocado hoje, vai de encontro à evolução e exigências da própria sociedade, e de um mundo modernizado. Sobre o assunto comenta António Virgolino (Djú), ex elemento do conjunto musical Rabenta, criado na cidade da Praia:

*“O funaná é a alma do povo de Santiago. Cada qual apresenta a sua própria forma de tocar. Há uns que preferem tocar simplesmente a gaita e o ferro. Não sou contra (...) Nós, os mais novos procuramos satisfazer os desejos do público, principalmente dos mais jovens, isto é, tentamos hoje enriquecer o funaná com alguns instrumentos musicais como o caso do baixo eléctrico, do drums, viola ritmo com o intuito de dar uma nova sonoridade à música.”*<sup>23</sup>

O funaná hoje-em-dia tem percorrido um longo caminho, e tem sido ouvido nos mais diversos palcos internacionais, que até bem pouco tempo reservavam o lugar apenas a outros géneros musicais, como a morna e a coladeira.

Porém, nos últimos tempos, essa música começou a ser divulgada além fronteiras, graças aos esforços do grupo musical ‘Ferro Gaita’, um trio de jovens praienses que decidiram regressar aos dois instrumentos de origem, conservando apenas a viola baixo da revolução de “Catchás”. Uma aposta que deu os seus frutos pois o seu primeiro álbum -“Fundu Baxu”, gravado em 1997, foi um grande sucesso comercial.

---

<sup>22</sup> Entrevista com Armindo Varela (Nhónhó Varela), 18 Ago. 2006, Praia

<sup>23</sup> Entrevista com Virgolino Moreno, (Ex elemento do Grupo Rabenta), 04 Out. 2006



## **CAPÍTULO III**

### **5-BULIMUNDO NA CENA MUSICAL EM CABO VERDE**

#### **5.1- A Origem do agrupamento musical**



O agrupamento musical Bulimundo teve as suas raízes no interior de Santiago, e foi criado em Abril de 1978, a partir da Vila de Pedra Badejo, no concelho de Santa Cruz. O seu grande objectivo era investigar e divulgar a música tradicional cabo-verdiana, com uma certa particularidade para o funaná.

A iniciativa para a criação dessa banda musical ficou a dever-se ao falecido artista Carlos Alberto Martins conhecido por 'Catchás', natural do concelho de Santa Cruz. Carlos Alberto ao terminar a sua formação em engenharia agrícola em Portugal, emigrou no início dos anos 70 para a França onde começou a participar em algumas actividades viradas para a valorização cultural de Cabo Verde.

Entretanto em Cabo Verde nesta altura preparava-se a tão desejada independência onde a repressão por parte do poder colonial muito se fizera sentir em todos os sentidos, principalmente no aspecto cultural.

Com a independência, do país, Catchás regressa a Cabo Verde, e na mente sempre tinha presente o projecto de reabilitar e valorizar tudo aquilo que fazia parte da nossa cultura e que outrora fora negado. Logo que chegou, começou a pôr em prática os seus objectivos, e logo partiu com a iniciativa de criar o grupo musical Bulimundo. Inicialmente, a sua ideia era formar um grupo apenas constituído por pescadores e agricultores do interior de Santiago conforme nos relatou Santos, um antigo elemento do conjunto. *“Segundo Catchás a ideia era formar um grupo apenas com os rapazes de Santa Cruz, que geralmente eram agricultores e pescadores....”*<sup>24</sup>

Na tentativa de levar adiante a ideia, começaram a realizar os primeiros ensaios em Pedra Badejo num quintal designado quintal de Bulimundo, local onde actualmente funciona Câmara Municipal de Santa Cruz, do qual advém o nome do agrupamento. Inicialmente ingressavam o grupo Catchás, Madala, Lázaro, Kim de Santiago.

---

<sup>24</sup> Entrevista com Alberto (Santos), aos 13 Set. 2006



Entretanto, a ideia de criar um grupo somente com agricultores e pescadores não fora adiante dada a situação laboral dos elementos recrutados na medida em que os horários e a disponibilidade para os ensaios não coincidiam. Sendo assim, Catchás viu obrigado a alterar o seu projecto inicial, e foi então que teve a iniciativa de convidar outros elementos de outros pontos da ilha a ingressarem no grupo levando adiante o seu projecto. Segundo Santos, Catchás normalmente quando vinha para a cidade da Praia, tinha o hábito de se hospedar na casa de um antigo amigo seu conhecido por Tide no Bairro Craveiro Lopes. Por conseguinte, Santos fazia parte de um outro grupo musical que era o OPUS 7, grupo que normalmente costumava tocar nos diversos bairros da capital, e também na praça do Plateau, com uma certa tendência para a imitação de algumas músicas de outras paragens e também alguma particularidade para a música das Antilhas. Contudo, numa digressão a Dacar alguns elementos do grupo acabaram por ficar. Os restantes elementos que regressaram resolveram continuar com o grupo e recomeçaram os ensaios numa pequena casa situada em Achadinha de baixo. Porém, Catchás numa das suas vindas à cidade da Praia tinha ido assistir os ensaios do grupo, e de forma tímida, conforme afirmou Santos, acabou por convidar alguns elementos a ingressarem com ele no Bulimundo. Acabou então por expor a sua ideia, e desta forma esses acabam por aceitar o convite. Contudo, algumas dificuldades surgiram logo depois. É que a maioria dos elementos residia na cidade da Praia, e apenas dois eram de Santa Cruz, o que dificultava a deslocação para a vila de Pedra Badejo a fim de realizarem os ensaios numa altura em que havia uma certa dificuldade nos transportes. Desta feita resolveram então arranjar um espaço na Praia a fim de realizar os ensaios tendo em conta os diversos constrangimentos referidos anteriormente.

Inicialmente o grupo ficou constituído por seis elementos, de entre eles, Catchás, Santos, Kim de Santiago, Silvestre Alfama, Lú di Pala.

Constituído o grupo, era agora o momento de pôr em prática o trabalho, onde a primeira missão era de trabalhar o funaná. Porém, segundo Silvestre Alfama (Silva) antigo elemento do Bulimundo, em entrevista ao jornal A Semana, afirma que o grupo tinha como projecto investigar outros géneros de música numa fase posterior, nomeadamente o tchôro, a tabanka e o batuque.

*“ Foi e é nossa intenção sair da área do funaná e cultivar outros géneros musicais que não sejam de Santiago, visto que todos eles têm uma forte componente de funaná. Por exemplo não faz sentido*





*trabalhar o tchôro, isoladamente, porque tchôro às vezes é batuque, às vezes é Funaná, só que comporta uma particularidade que é o sentimento de tristeza...*<sup>25</sup>

Por isso, o grupo decidiu primeiramente trabalhar o funaná para depois partir para os outros géneros referidos. Encarando o trabalho com alguma seriedade, a primeira missão do recém formado grupo, foi tentar eliminar alguns obstáculos com que se deparavam na altura, principalmente de carácter ideológico na medida em que na altura assistia-se ainda alguns preconceitos criados principalmente em relação a esse género musical, ou seja, que seria música de ‘gente inferior’. Sendo assim, segundo Catchás, primeiramente partiram para a consciencialização dos próprios elementos do grupo no sentido de tocarem o funaná, agora com um novo estilo.

Foi assim que Bulimundo começou a dar os seus primeiros passos trabalhando alguns géneros anteriormente interpretados por alguns tocadores de gaita nomeadamente “Sema Lopi”, “Codé de Dona” entre outros. Contudo, Bulimundo desde sempre procurou introduzir inovações nesse género de música, introduzindo assim novos tipos de instrumentos electrónicos substituindo a gaita e o ferro.

A primeira actuação de Bulimundo ao público foi na Vila de Pedra Badejo, e posteriormente começou a actuar noutros pontos do interior de Santiago nomeadamente em Tarrafal, Santa Catarina, São Domingos nos famosos bailes populares. Porém numa primeira fase, o grupo começou a ter uma certa aceitação no meio rural que outrora estava habituado a um funaná tocado em estilo diferente, ou seja, apenas com gaita e ferro. A este propósito afirma António Robalo um dos moradores da vila de pedra Badejo.

*“Quando Bulimundo vinha tocar na praça da vila de Pedra Badejo vinham pessoas de todos os cantos para ouvir e dançar o funaná. Toda a gente queria ouvir, ninguém queria ir para casa. Havia muita rapaziada que fugia de casa, tendo em conta que os pais muitas não os deixava sair á noite(...)”*<sup>26</sup>



<sup>25</sup> Entrevista ao jornal **A Semana**, Praia, 29 Mai. 1990 p.14

<sup>26</sup> Entrevista a António Robalo aos 15 Mai. 2006



**Figura 2: Bulimundo numa das suas actuações.**

**Fonte: Jornal Voz de Povo, Mar. 1980**

## **5.2- Carlos Alberto Martins – O Fundador do conjunto Musical ‘Bulimundo’**

Com a independência nacional, o Funaná ganhou maior expressão, através do excelente trabalho levado a cabo por aquele que foi o fundador do conjunto musical Bulimundo, **Carlos Alberto Martins** conhecido no meio santiaguense por Catchás.

Nasceu em Santa Cruz a 8 de Agosto de 1951, é filho de Domingos Tavares Silva e Antónia Martins. A alcunha Catchás ficou a dever-se aos tempos de adolescência enquanto estudante do Liceu Adriano Moreira na Praia certamente imposta pelos colegas. Após o término do estudo liceal dirigiu-se para Portugal onde se formou como engenheiro Técnico Agrícola em Santarém. Posteriormente, emigrou-se para França no início dos anos 70 onde veio a tomar parte em algumas actividades culturais com carácter voltado para a valorização cultural de Cabo Verde.

A sua origem e profissão, fizeram dele um conhecedor profundo da vida do campo o que contribuiu para que ele fosse um dos melhores compositores do funaná. Filho de pessoas humildes, Catchás desde sempre se dedicou os seus estudos tentando sempre manter uma relação amigável com todos. Segundo Kim de Santiago, um antigo elemento de Bulimundo, em entrevista ao Jornal Voz Di Povo afirmara o seguinte: *“Catchás era um indivíduo calmo, simples e ponderado. Era sobretudo,*



*caseiro e de poucas farras. Saía raras vezes, e quando o fazia a sua viola sempre o acompanhava. Não era de paródias e as nossas brigas decorriam deste facto (...)*<sup>27</sup>

Durante a sua estadia em França conviveu durante um certo período com vários artistas do continente africano que também estavam interessados em trabalhar e investigar as suas raízes musicais. Para além disso, em França ele participou como elemento de um antigo conjunto musical, 'Brothers' onde desempenhou desde sempre um papel activo e onde demonstrou o seu apego às suas raízes.

Com a independência nacional, regressa a Cabo Verde na mira de levar adiante o seu projecto, a partir do seu concelho natal, Santa Cruz.

Consigo trouxe alguns instrumentos electrónicos da França com os quais começou a dar os primeiros passos na formação do conjunto musical Bulimundo.

O seu aparecimento na cena musical em Cabo Verde foi no entanto benéfico em todos os sentidos, na medida em que foi graças a ele que o funaná foi reabilitado, ao receber um novo estilo.

Contudo, desde sempre no seu projecto Catchás pretendia trabalhar todos os géneros musicais, outrora interditas em Cabo Verde, partindo do funaná. Este projecto visava formar um grupo constituído sobretudo por agricultores e pescadores do interior de Santiago, pessoas que estavam mais directamente ligadas às vivências do mundo rural. Foi nessa lógica que começou a estabelecer os primeiros contactos com alguns elementos, expondo-lhes o seu projecto. *Madala*, foi um destes primeiros elementos a quem Catchás ensinara os primeiros acordes do baixo.

No entanto, dadas às dificuldades e indisponibilidade de alguns elementos para os ensaios, o seu projecto viu-se obrigado a sofrer algumas alterações, nomeadamente quando resolve recrutar alguns elementos do antigo conjunto musical OPUS 7 na Praia, donde levou consigo 3 elementos, o Zé Augusto que era baterista, o Alberto (Santos) que era guitarrista, e Zeca de Nha Reinalda como vocalista. Ainda ao grupo

---

<sup>27</sup> ALMEIDA, Rosana., Homenagear Catchás, **Voz Di Povo**, Praia, 29 Mar 1989, p. 4



se veio a juntar Silvestre Alfama (Silva) como baixista entre outros elementos que posteriormente acabaram por integrar no conjunto.

Formado o grupo iniciaram os ensaios primeiramente em Pedra Badejo e posteriormente na cidade da Praia dadas as dificuldades de deslocação a que alguns elementos estavam sujeitos, tendo em conta que a maioria dos elementos residia na cidade da Praia.

Acompanhados sempre por alguns constrangimentos e problemas, deram prosseguimento ao seu projecto. O grupo chegou a actuar em vários locais no interior de Santiago, para depois experimentar os palcos da capital somente em 1980.

Catchás deu no entanto um grande contributo à cultura cabo-verdiana, na medida em que foi, de entre muitos, aquele que teve a iniciativa de enveredar pela recolha, investigação e divulgação do funaná, introduzindo ainda algumas inovações e estilos neste campo. Contudo, ele participou activamente no grupo até por volta de 1985 altura em que o mesmo acabou por abandonar o conjunto dado a alguns problemas internos e desentendimentos entre os restantes elementos do conjunto. Ainda, por estas alturas Catchás veio a ser transferido para Santo Antão como técnico do MDRP ( Ministério do Desenvolvimento Rural e Pesca). Mais tarde, regressou de novo á Praia onde veio a desempenhar a função de responsável da Divisão dos Assuntos Musicais da Direcção Geral da Animação Cultural, organismo do Ministério da Informação, Cultura e Desportos.

Porém, a 29 de Março de 1988, Cabo Verde chorava a perda daquele que é considerado o “pai do Funaná”. Foi assim, com espanto, e tristeza que o nosso país foi surpreendido, pela morte deste grande artista, vítima de um acidente de viação ocorrido na cidade da Praia na madrugada de Domingo 27 de Março, pouco depois da realização do espectáculo de Gala realizado no Palácio da Assembleia Nacional Popular, para assinalar o encerramento do 1.º Encontro de Música Nacional. Perante a perda dolorosa, á sua última morada fez-se acompanhar uma multidão de pessoas que de qualquer jeito queriam prestar-lhe uma justa homenagem.



**Figura 2: Carlos Alberto Martins (Catchás) - Fundador do Bulimundo**

**Fonte: Centro De Iniciativa Juvenil Katchás. Fotografia cedida por José Alves**

### **5.3- ‘Bulimundo’ e a conquista dos palcos da Capital em 1980**

Numa primeira fase, o grupo musical Bulimundo começou a lançar as sementes da sua prosperidade, a partir do meio rural onde começou a ganhar uma certa popularidade e aceitação, e também aumentava cada vez mais o número de adeptos.

O mesmo começou a ter uma certa preocupação em aprofundar novas técnicas de execução musical, e melhor organização, na medida em que se preparava para enfrentar novos desafios. O grupo tinha á sua frente agora uma nova e difícil missão de trazer o Funaná aos palcos da capital e fazer com que esse género musical fosse aceite no meio urbano e não só, um desafio ainda maior, dado o grau de preconceitos por parte dos cidadãos habituados a um outro repertório musical.

Em 1980, Bulimundo apresentou-se aos palcos da capital do país, num momento em que na cidade da Praia decorria o II.º festival de música realizado no âmbito das comemorações do V aniversário da independência de Cabo Verde, denominado por ‘Festival Praia 80’, evento esse que teve lugar no cine-teatro da Praia.

Entretanto, o grupo antes de se estreiar no Plateau, realizou alguns concertos nos subúrbios da capital, conforme afirma Santos, antigo elemento do grupo, concertos esses que tiveram lugar em Lém Ferreira, Bairro Craveiro Lopes, entre outros locais



onde o grande público eram pessoas oriundas do interior de Santiago que geralmente residiam nestes bairros.

A realização do 'Festival Praia 80' veio de certa forma contribuir para que Bulimundo desse o grande salto de que necessitava para tirar o funaná da posição a que tinha sido votado.

Nesse festival participaram diversos grupos musicais e artistas vindos de diferentes pontos do arquipélago e também da Guiné Bissau, entre os quais Djarama das FARP (Forças Armadas de Cabo Verde), Conjunto Zeca Santos, Nova Vida da Granja de São Filipe, Seven Stars, os pioneiros Abel Djassi, Morabeza entre demais grupos que conseguiram ter grandes êxitos nos palcos da capital nos finais do mês de Março de 1980.

A actuação de Bulimundo neste festival foi no dia 28 de Março no Cine Teatro da Praia, uma actuação que de certo modo acabou por surpreender o público praiense, que anteriormente estava habituado a ouvir outros géneros musicais, e além disso transportava consigo um certo grau de menosprezo por esta música, que na altura era considerada '*música de badio de fora*', ou então '*música inferior*'.

Para além disso, o público ficou surpreendido também pelo facto do grupo ter tocado o funaná com um novo estilo e com muita perfeição, utilizando instrumentos diferentes dos anteriormente utilizados (ferro e gaita), isto é, foram capazes de mostrar o público em geral que era possível adaptar novos instrumentos electrónicos a este estilo de música.

Com efeito, todos os preconceitos ideológicos e alguns complexos começaram a ser superados, a partir do momento em que Bulimundo viu então um novo caminho aberto para tirar de vez o funaná da condição que se encontrava. Os resultados e a boa reacção do público fez com que o grupo encarasse com mais seriedade e responsabilidade o trabalho, lançando novos desafios no sentido de trabalhar seriamente para a gravação e lançamento de discos. No entanto, o objectivo traçado inicialmente foi alcançado onde num período de 3 anos o grupo conseguiu colocar no mercado cerca de quatro LPs.

Entretanto ao longo do seu percurso, o grupo teve que passar por alguns constrangimentos internos e alguns pequenos conflitos entre os elementos, o que de



certa forma contribuiu para que o grupo perdesse alguns elementos e ao mesmo tempo ganhar outros, como é o caso da saída de Zé Augusto, Pedro Delgado, Zéze, Zeca, Magra, Anterrinho, Duca, e entrada de Oscar, Zé Mário Jorge entre outros. Segundo Zeca Magra, antigo elemento do grupo, estas saídas contribuíram para uma certa decadência do grupo. “ (...) *Mas acho que Bulimundo entrou em decadência muito antes da saída de Catchás. Ela teria começado com a saída quase simultânea de alguns elementos muito activos, e que asseguravam juntamente com Cathás, a imagem de Bulimundo (...)*”<sup>28</sup>

Por conseguinte, nos anos que se seguiram o grupo começou a enfrentar uma nova crise que tinha como razão de fundo a saída daquele que foi o mentor e fundador do grupo, Carlos Alberto Martins.

Foi assim que a partir de 1985, o grupo teve uma paragem nos trabalhos que vinha desenvolvendo, na sequência de alguns desentendimentos internos entre os elementos conforme alegou Silvestre Alfama numa entrevista dirigida ao Voz Di Povo. “*O grupo conheceu em meados de 1985, uma paragem brusca originada pelo desentendimento entre os elementos do grupo e o seu fundador, que em consequência apodera-se de todo o instrumental de música adquirido pelo conjunto(...)*”<sup>29</sup>

Até ao momento o grupo tinha já gravado seis álbuns, quando o silêncio a que o grupo tinha submetido foi quebrado agora com a gravação do seu sétimo álbum intitulado ‘ Na Kal Ki Bu Ta Linha ?’ em 1991.

## 5.4 - A nova era do Bulimundo – Período pós Catchás

Após a saída de Catchás, Bulimundo iniciou uma nova fase, coincidente com o lançamento do álbum ‘Na Kal Ki Bu Ta Linha?’

Tendo já uma certa consistência no mercado nacional, e tendo já lançado alguns discos no mercado todos eles com uma grande aceitação, Bulimundo começa viver um certo período de estagnação, que coincidiu com a saída de alguns elementos, como é o caso de Zeca de Nha Reinalda, e Catchás.

---

<sup>28</sup> Entrevista ao jornal Voz de Povo, 29 de Mar 1989, p.6

<sup>29</sup> ALMADA, Manuel. Bulimundo no arranque da nova era., **Voz Di Povo**, Praia ,2 Mar 1991.p 4





O grupo começa a ter sérios problemas internos principalmente de ordem financeira, o que teve grande repercussão na paralisação dos ensaios, conforme comenta Silvestre Alfama numa entrevista concedida ao Voz di Povo. “*Estivemos parados durante 3 anos por falta de instrumentos.*”<sup>30</sup>

Ainda segundo Silva citado por José Vicente Lopes, na sua obra ‘ Os Bastidores da Independência’ o que faltou ao grupo foi uma boa gestão O “*Bulimundo*” *devia ter um manager. Além de outras coisas, Catchas encarregava-se disso também e houve desavenças terríveis, desde o princípio (...)*”<sup>31</sup>

Perante tal situação, no período pós-Catchás, os apoios ao grupo viram-se reduzidas, e além disso alguns contactos para espectáculos que dantes eram estabelecidos foram-se reduzindo.

Enfim, com o passar dos tempos, o grupo foi superando as dificuldades e constrangimentos de diversas ordens, onde num esforço conjunto continuaram a desenvolver o seu trabalho sempre na mesma linha com que tinham iniciado, tendo como resultado a gravação de outros discos, já sem a presença de Catchás. A respeito disso comenta um dos elementos do grupo, Óscar Borges, em entrevista ao Novo Jornal de Cabo Verde. ‘*Bulimundo sempre foi porta de entrada e saída dos artistas, mas nunca perdeu a sua linha, pois sempre se preocupou com o pensamento de Catchás (...)*’<sup>32</sup>

## 6 - O papel de Bulimundo na revitalização do Funaná

---

<sup>30</sup> Entrevista ao Jornal Voz di Povo, 2 Mar 1991

<sup>31</sup> LOPES, José Vicente. Os Bastidores da Independência, Praia, 2002.p.612

<sup>32</sup> RODRIGUES, Simão, Bulimundo Regressa aos Estúdios, Novo Jornal de Cabo Verde, Praia 29 Out. 1997





Como parte integrante da nossa cultura, o funaná foi o género musical que durante muito tempo se manteve numa posição pouco dignificante, pela imposição do próprio poder colonial.

Conforme frisamos anteriormente, era porventura considerada um género de música inferior, 'música de selvagens' para muitos, enfim, conotações que apenas serviam para o manter cada vez mais no silêncio. No entanto, tratava-se de uma música característico do meio rural, onde o camponês mais ousado, e cansado dos trabalhos do campo, expressava os seus sentimentos através de simples melodias acompanhadas pelos acordes de uma gaita cujo ritmo é marcado por um pedaço de ferro.

Contudo, houve momentos em que esse género musical fora proibido de tocar, em determinados lugares, principalmente nas proximidades das igrejas. Mas, por outro lado, aumentava sempre o número de pessoas que queriam ouvir a música que melhor os representasse, e com a qual se identificassem melhor,

Porém, dada a posição que se encontrava o funaná, é natural que havia quem se interessasse pela sua elevação a um patamar onde se encontravam as restantes músicas tradicionais cabo-verdiana, como a morna e a coladeira. É portanto neste sentido que Bulimundo se empenhou desde sempre nesta difícil tarefa, mas que finalmente gerou os seus frutos.

Bulimundo deu assim um novo alento ao funaná, introduzindo-lhe um novo estilo de execução. Também da mesma forma, a sonoridade passou a ser amplificada com novos equipamentos electrónicos. Passaram a utilizar guitarras eléctricas e instrumentos de sopro, bem como alguns instrumentos de percussão exigindo por isso novas técnicas de execução.

Era pois uma tarefa complicada na medida em que era um género de música tocado apenas com uma gaita e um ferro, o que dificultava a sua execução em outros instrumentos. Para além disso estávamos numa altura em que havia grandes dificuldades em adquirir certos equipamentos electrónicos. Porém, o grupo conseguiu demonstrar ao público de que era possível adaptar esse género musical aos instrumentos electrónicos trazendo por isso um Funaná estilizado para a cidade.

Com um novo estilo, o Funaná invade o meio urbano ganhando assim novos adeptos mesmo entre os que anteriormente se posicionavam contra esse género musical. Conseguiu desta forma sair da posição de música inferior, a que tinha sido votada por muitos, que ao longo dos tempos tentaram de uma forma ou de outra ignora-la e menosprezá-la.

O grupo iniciou o seu trabalho com a recolha de alguns temas anteriormente executados por alguns tocadores de gaita nomeadamente Codé de Dona, Séma Lopi, entre outros, e deram-lhe uma nova versão desta feita tocada com guitarras eléctricas, teclados e um novo estilo de percussão adaptado.

**Figura 3:** Alguns antigos tocadores de Gaita de interior de Santiago



**Sema Lopi**



**Antão Barreto**



**Codé de dona**

Porém, desde sempre a banda tentou revalorizar aquilo que faz parte da nossa cultura e que de certo modo não teve melhor sorte no passado ficando limitado apenas a um pequeno círculo, ou seja, somente ao público camponês do interior de Santiago, como é o caso do funaná.

Do mesmo modo o grupo tocava também outros géneros musicais como a morna e a coladeira, mas a prioridade foi atribuída ao funaná dada a condição a que se encontrava e também levando em conta a nossa própria realidade cultural.

Por isso convém aqui afirmar que este grupo teve um papel fundamental neste campo, tendo em conta todos os esforços que dispensou no sentido de fazer com que esse género musical fosse aceite a um público mais alargado e a um diferente do seu habitat inicial, ou seja, o meio urbano. Portanto, Bulimundo contribuiu para que o funaná fosse ouvido além fronteiras, a partir do momento em que a nível



nacional estava já vencida a primeira etapa que era de lançar o Funaná, a todos os cantos do país.

Foi assim que o mesmo participou em vários espectáculos no estrangeiro nomeadamente em Portugal, nos Estados Unidos da América, na Holanda, na Bélgica em França, Luxemburgo e ainda em alguns países da África ocidental.

Por conseguinte, foi graças ao grupo que muitos outros grupos e músicos tiveram projecção, como é o caso do grupo musical Finaçon que surgiu a partir da cisão de alguns elementos com o conjunto Bulimundo que num grande esforço acabaram por introduzir novos estilos dentro deste género. Além disso temos as incursões de vários outros grupos nomeadamente Abel Djassi, Livity, Gama 80, Tropical Son e ainda hoje é notória a vitória neste campo com o excelente trabalho desenvolvido pelo conjunto musical Ferro e Gaita que hoje é considerado o embaixador do funaná, com contínuas actuações além fronteiras.

## 6.1- Os Trabalhos Discográficos Editados

Numa primeira fase do projecto, Bulimundo tentou dar a conhecer ao grande público o seu trabalho, iniciando pois nos palcos do meio rural, expandindo-se posteriormente para a capital. Ultrapassada esta fase o grupo enveredou-se agora para um novo caminho, que era o de preparar, gravar e lançar discos dada a sua boa aceitação do público pelos trabalhos iniciados. Foi assim que ao longo da sua história ultrapassando sempre alguns obstáculos, o grupo gravou 8 discos, designadamente **Djam Branco Dja, Bulimundo, Batuco, Mundu Ka Bu Kaba, Êxodo, Compasso Pilon, Na Kal Ki bu ta linha?** e por ultimo **Ta N' Deria Ka ta Kai**.

Entretanto, esses trabalhos discográficos englobam vários géneros musicais, nomeadamente a morna, a coladeira e o batuque, mas sempre com maior relevância e ênfase para o funaná.



Os primeiros álbuns foram gravados em 1981 na Holanda e são eles respectivamente **Djam Branco Dja e Bulimundo**, embora lançados em momentos diferentes. Quanto aos primeiros discos, a temática girava á volta de problemas sociais e políticos da sociedade cabo-verdiana, pós-independência, a alienação cultural, a discriminação social, enfim temas com um certo olhar crítico de alguns problemas que afligiam a nossa sociedade, em especial ás pessoas do meio rural.

Do álbum “ Djam Brancu Dja” fazem parte 9 faixas designadamente ‘Djam Brancu dja’, ‘partida’, ‘Brajeru dja contam’, ‘Hora de bem’, ‘Febri Funaná’, ‘Sofá’, ‘Pé di pedra’, ‘Tarrafal’ e ‘Bem di Fora’.

Voltados um pouco para a crítica social temos os temas ‘Bem di fora’<sup>33</sup> e ‘ Febri Funaná’, que de uma certa forma reclamam uma posição melhor para este género de música considerada música inferior.

Do II.º álbum ‘Bulimundo’, fazem parte as seguintes composições: ‘Bulimundo’, ‘Sema Lopi’, ‘Dmingu Denxu’, ‘Sentimento Cabo-verdiano’, ‘To Martins’, ‘Vida de Guintcho’, ‘Djosé’. Este último tema (Djosé), é um dos temas também com carácter crítico de acordo com as situações vividas pelo grupo na época. Como se sabe este tema tem retratado de uma forma crítica as situações de infidelidade por parte das mulheres cujos maridos se encontravam ausentes do país. Entretanto, ao longo da sua história Cabo Verde tem enfrentado dificuldades diversas, provocadas principalmente pela falta de chuva. Este facto tem obrigado a que muitos cabo-verdianos recorressem á emigração como forma de melhor resolverem os seus problemas. Neste sentido, muitos foram os cabo-verdianos que na década de 1970/80 emigraram deixando para trás esposa e filhos. Porém, muitas vezes, algumas mulheres acabavam por cometer adultérios, acto condenado pela sociedade cabo-verdiana e não só. Neste sentido Bulimundo aproveitando estes factos retratou-os em alguns dos seus temas.

Seguidamente em 1982, surge o 3,º Lp intitulado ‘ **Õ Mundo Ka Bu Kaba**’ gravado também na Holanda, e composta por 8 faixas musicais entre as quais ‘*Mundo ka bu Kaba*’, ‘*Babosa*’, ‘*Melodia nº1*’, ‘*Nhu n’toni*’, ‘*E duedu*’, ‘*Serenata*’, ‘*Fidjus de Funaná*’, ‘*Joana Santana*’.

---

<sup>33</sup> Ver a composição em anexo.



Também gravado na Holanda, logo depois surge o disco intitulado '**Batuco**' um ano depois, composto também por 8 faixas musicais. (*Santo Antoni la Belém, Schina, Melodia n.º 2, pombinha Mansa, Festa Santa Cruz, Batuco, Nha partida, Democracia*).

Já em 1985 surge o disco '**Êxodo**' e posteriormente '**Compasso Pilon**'. Do álbum **Êxodo** fazem parte seis composições designadamente 'Exodo', 'Di modis ki', 'Tont amdjer', 'Okaru bedjo', 'Lem de Manu Mansu', 'Tanha'. Do álbum **Compasso Pilon** fazem parte as composições como 'Terra Bufo', 'rasta', '**Compasso Pilon**', 'Mano lope', 'Flor di pena', 'Ai Holanda', 'Romance d'amor'.

Após esse período verificou-se uma estagnação na produção discográfica do grupo o que levou à saída e entrada de alguns elementos. O Silêncio, só veio a ser quebrado com o lançamento do disco intitulado '**Na Kal Ki bu ta Linha?**', em 1991, já numa nova era do conjunto musical. Porém, este álbum saiu numa altura em que se verificou uma mudança social no país, ou seja, o momento da passagem do regime mono partidário para um regime democrático. Deste álbum fazem parte os seguintes temas: '*Problemas*', '*Cambalacho*', '*Testamento*', '*Drama de Camponês*', '*Na Kal Ki bu ta Linha*', '*Grito d'sofredor*', '*Xintado na Praça*'.

Conforme dissemos anteriormente, esta paragem na produção discográfica ficou a dever-se a alguns problemas internos do grupo, principalmente relacionados com a falta de instrumentos para a realização dos ensaios.

Contudo o grupo conseguiu gravar um único CD, que veio a receber o título de '**Ta N' Déria Ka Ta Kai**,' isso em 1997, um CD que trás consigo alguns temas já editados noutros discos como é o caso da morna Tanha, anteriormente interpretado pelo malogrado artista Zequinha antigo elemento do grupo. Os outros temas são eles respectivamente: '*Ta N'deria ka ta kai*', '*Puxim*', '*Rapashinho*', '*Tora*', '*Batuco*', '*Djon*', '*grogue*', '*pamapu*', '*Zagas*', e '*pamodi*'

Para a gravação dos discos, o grupo sempre assumia por si só todas as despesas, apesar de dispor de alguns apoios. Segundo António Silveira, para gravar o grupo utilizava as receitas adquiridos nos espectáculos, ou nas digressões ao estrangeiro.



Ainda acrescenta: “ *Os apoios existiam, mas não dava para resolver todos os problemas. Sempre com muito esforço, o grupo tentava a todo o custo arranjar qualquer forma de cobrir com as despesas durante as gravações.*” <sup>34</sup>

Portanto, o grupo ao longo do seu percurso tem interpretado todos os géneros musicais tradicionais de Cabo Verde, mas sempre com maior relevância para o Funaná. Geralmente as composições são da autoria dos elementos do grupo, ou então da autoria de alguns antigos tocadores de gaita, como o caso de “Codé di Dona”, e “Sema Lopi”.

De uma forma geral os temas interpretados pelo grupo algumas situações vividas na época, voltados um pouco para críticas sociais, problemas da emigração, injustiças sociais e demais dificuldades enfrentadas pelo povo cabo-verdiano em particular o camponês.

## 6.2 - ‘ Bulimundo’ na Actualidade

Referindo-se ao grupo actualmente pode-se dizer que o mesmo ainda se mantém activo, desenvolvendo as suas actividades sempre na base do ideal a que sempre o grupo preconizou desde a sua fundação. Actualmente é composto por 9 elementos onde dois elementos tocam instrumentos de sopro, 3 são guitarristas, 1 tecladista, 2 vocalista, e um baterista.

Segundo a opinião de António Silveira, o grupo tem a pretensão de adquirir ainda novos elementos, de acordo com as disponibilidades dos mesmos.

O grupo possui uma direcção composta pelos seguintes elementos António Silveira (Nónó), José Mário Rocha, Óscar Monteiro, Carlos Lopes e Armando Teixeira como manager do grupo. Convém aqui ressaltar que todos os elementos, apesar das actividades do grupo, possuem outras ocupações profissionais pelo que as actividades do grupo ficam sempre reservadas para os momentos extra-profissionais, o que por outro lado tem trazido alguns constrangimentos principalmente relacionados com o horário dos ensaios.

---

<sup>34</sup> Entrevista com António Silveira, 16 Set. 2006, São Domingos



Apesar de um ligeiro silêncio do grupo, nestes últimos tempos ultimamente o mesmo tem retomado as suas actividades actuando em alguns espectáculos e festivais realizados no país. Segundo António Silveira, brevemente o grupo pretende retomar as actividades com a pretensão de gravar novos trabalhos.

Tanto a gestão do grupo como os serviços administrativos do grupo estão a cargo do manager do grupo Armando Teixeira, elemento que acompanhou o grupo desde há muito tempo.

Entretanto o grupo apesar de possuir um *Estatuto*<sup>35</sup>, não é oficializado, mas segundo António Silveira, o grupo pretende vir a dar os passos para tal.

Quanto ao estilo musical, o grupo ainda tenta manter o mesmo estilo de Funaná, tentando sempre que possível introduzir inovações como forma de acompanhar os novos tempos. Bem se nota que o grupo, se tem tentado fugir a certas influências que hoje se podem verificar a nível da nossa música. Cabo Verde sendo um país aberto, actualmente tem confrontado com influências de várias ordens, principalmente dos Estados Unidos, onde ritmos como Hip Hop, Funk, e outros géneros têm sido interpretados por vários artistas cabo-verdianos fugindo por vezes ao nosso estilo original.

Actualmente o grupo realiza os seus ensaios na cidade da Praia, numa das salas cedidas pela ONG, Citi Habitat, com sede em Ponta d'Água.

---

<sup>35</sup> Ver a cópia do Estatuto em Anexo



## CONCLUSÃO

Para dar por concluído esta fase de análise do meritório contributo prestado pelo grupo musical Bulimundo, em prol da cultura cabo-verdiana, não seria justo para todos se não apresentássemos de uma forma sintética, algumas linhas conclusivas que pudesse levar ao seu melhor conhecimento.

Antes da independência de Cabo Verde, certos géneros musicais como a tabanka, o funaná, o batuque entre outras manifestações, foram relegadas a um estatuto inferior na cultura cabo-verdiana, por apresentarem características culturais marcadamente africanas.

Com a independência, o país entrou numa nova fase, relativamente á valorização da nossa cultura, principalmente no campo musical, sendo esta uma das vertentes culturais indissociáveis do nosso povo. Neste contexto surge um dos grandes grupos





musicais, Bulimundo, que desempenhou um papel de relevo, na preservação da nossa música tradicional.

Desde a sua criação em 1979, este grupo dedicou todos os seus esforços na valorização da música tradicional cabo-verdiana, com maior destaque para o funaná, um dos géneros que durante muito tempo tinha sido relegado a um patamar inferior na sociedade cabo-verdiana em relação aos outros géneros musicais no país.

Contudo, a sua criação ficou a dever-se em parte á dedicação e esforço daquele que foi um dos grandes guitarristas e músico santiaguense, de nome Carlos Alberto Martins conhecido por “Catchás”. Foi quem teve a iniciativa de formar o grupo, na mira de trabalhar e divulgar este género musical, quando regressou da França trazendo consigo alguns instrumentos musicais.

O grupo introduziu algumas inovações no estilo e execução do funaná, substituindo a gaita e o ferro, por instrumentos electrónicos, de percussão entre outros, que por sua vez acabaram por conferir ao funaná uma nova sonorização.

Numa primeira fase, o grupo conseguiu impor-se no meio rural, aonde este género de música era mais ouvida, e posteriormente em 1980, conseguiu trazer o funaná do meio rural para o meio urbano.

Portanto, foi graças ao seu grande esforço, dedicação e incansável trabalho que o funaná saiu da orbita rural e conquistou a cidade da Praia, e não só, também Cabo Verde em geral, adquirindo assim uma nova estilização. Além do mais, este género saiu da categoria de música inferior, para se afirmar como um dos géneros mais expressivos da cultura cabo-verdiana.

Sendo o tempo um factor mutável, que provoca transformações, e por isso influências sobre um indivíduo ou grupo de um determinado meio social, Bulimundo não fugiu á regra. Neste sentido, nas suas obras, o grupo retratou temas ligados intimamente ao quotidiano do povo cabo-verdiano. Reclamou algumas injustiças sociais vividas na época, fruto da colonização, interpretou também temas ligados ao



mar, á emigração, á seca, e demais problemas que afectam de uma forma ou de outra o nosso país.

Contudo, apesar das diversas dificuldades enfrentadas pelo grupo, este tem editado oito discos, incluindo não só géneros como o funaná, mas também outros como o batuque a Tabanka, mornas e coladeiras enfim todos os géneros que fazem parte do reportório musical cabo-verdiano.

Actualmente o grupo continua ainda em activo, trabalhando sempre na mesma mira com que tinha iniciado anteriormente, tentando sempre fugir ás diversas influências que se fazem sentir hoje na nossa música, na tentativa de preservar a originalidade da nossa música.

## BIBLIOGRAFIA

**ANDRADE**, Elisa Silva. As Ilhas de Cabo Verde da “Descoberta” à Independência Nacional (1460-1975). Paris: Ed. L’Harmattan, 1996.

**BALENO**, Ilídio Cabral. Povoamento e Formação da Sociedade.in:

ALBUQUERQUE, Luís de, e SANTOS, Maria Emília Madeira, (Coordenação): História Geral de Cabo Verde.2.ed.Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa Instituto Nacional de Investigação Cultura. Cabo Verde: 2001.vol. I

**BRITO**, Margarida. Os Instrumentos Musicais em Cabo Verde, Praia - Mindelo, 1998.

**CABRAL**, Amílcar. O papel do estudante africano, In: A arma da teoria unidade e luta, Lisboa: Ed. Seara Nova, 1978. Vol. I



**FERREIRA**, Manuel, Aventura Crioula. Plátano Editora, 1973.

**FILHO**, João Lopes. Defesa do património Sócio-Cultural de Cabo Verde. Lisboa: Ed Ulmeiro, 1985.

**FILHO**, João Lopes. Contribuição para o estudo da Cultura Cabo-verdiana. Lisboa: Ed. Ulmeiro, 1983.

**FILHO**, João Lopes. Vozes da Cultura Cabo-verdiana. 1. ed. Lisboa: Ulmeiro, 1998.

**GONÇALVES**, Carlos, **MONTEIRO**, Wladimir. Cabo Verde-30 anos de Independência 1975-2005.Praia: Ed. IBNL, 2005.

**LIMA**, Augusto Mesquitela, **MARTINEZ**, Benito, **FILHO**, João Lopes. Introdução À Antropologia Cultural. 9.ed.Lisboa:Ed.Presença, 1991.

**LINTON**, Ralph. O Homem - Uma Introdução à Antropologia. 12. ed. S.Paulo: Martins Fontes 2000

**LOPES**, José Vicente. Os Bastidores da Independência. 2.ed. Praia: Ed. Spleen, 2002.

**MARTINS**, Vasco. A Musica tradicional Cabo-verdiana. Praia, 1989.

**OSÓRIO**, Osvaldo. Cantigas de Trabalho - Tradições Orais de Cabo Verde. Lisboa: Plátano Editora, 1980.

**TAVARES**, Eugénio. Mornas Cantigas Crioulas (Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina). 2005.

**REIS**, José Alves dos. Subsídios para o estudo da morna, Raízes



## **O Contributo de Bulimundo na Música tradicional cabo-verdiana - caso do Funaná**